

“TIPO A ASSEMBLEIA”: PERCEPÇÕES NÃO ASSEMBLEIANAS DA MATRIZ PENTECOSTAL BRASILEIRA

Waldney de Souza Rodrigues Costa¹

RESUMO: A proposta teórica de Gedeon Alencar de que a(s) Assembleia(s) de Deus seria(m) a matriz pentecostal brasileira se revela extremamente útil para entender algumas dinâmicas do campo religioso brasileiro. Isso porque muitas igrejas pentecostais surgiram tomando-a(s) como referência, quer por mimese ou por oposição. A proposta desta comunicação é a de contribuir com o debate apresentando a forma como essa instituição é percebida por evangélicos que dela não fazem parte, porque nunca fizeram ou porque são seus egressos. A base da discussão é uma etnografia que realizei em Juiz de Fora (MG), problematizando as relações entre religião e lazer entre jovens evangélicos. Neste trabalho foi possível conviver durante 14 meses com alguns “ex-pentecostais” em meio a um contingente majoritariamente batista. Essa convivência se deu tanto em cultos quanto em outros encontros que envolviam práticas de lazer. No estudo, tomei uma igreja como referência inicial, mas, a partir dela, segui a sociabilidade dos jovens por diferentes espaços, tais como lanchonetes, restaurantes, eventos da igreja, shows gospel e eventos evangélicos em geral. Enquanto muitas propostas deste Grupo de Trabalho discutem o que as a(s) Assembleia(s) de Deus foram, são ou estão se tornando, nesta comunicação apresento como elas são imaginadas pelos jovens evangélicos com quem convivi. Alguns haviam deixado de ser assembleianos muito recentemente, outros haviam deixado alguma outra igreja pentecostal. E mesmo aqueles que eram batistas desde a infância, vocalizavam algumas impressões da espiritualidade assembleiana. Ao aprofundar como alguns temas são suscitados em meio a algumas práticas de lazer dos jovens com quem convivi será possível apresentar suas percepções das Assembleias de Deus e das igrejas pentecostais que são “tipo a Assembleia”. Tal discussão possivelmente corroborará com a tese de que tal denominação é a matriz pentecostal brasileira

PALAVRAS-CHAVE: Assembleia(s) de Deus. Pentecostalismo. Denominacionalismo. Jovens.

A “Assembleia” para além da Assembleia

É quase desnecessário defender o estudo da(s) Assembleia(s) de Deus em si mesma(s). Segundo o Censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, existem no Brasil, mais de 12 milhões de pessoas que se declaram membros dessa denominação, o que equivale a 35,6% dos pentecostais, 29,1% dos evangélicos e/ou 6,4% dos brasileiros. É o maior contingente de evangélicos, seguido dos aproximadamente 9 milhões de

1 Mestre (2015) e Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) como bolsista CAPES. Bacharel em Ciências Humanas (2012) e graduando em Ciências Sociais pela mesma instituição. Bacharel em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória ES (2011). E-mail: dnney@ibest.com.br

“evangélicos genéricos” (aqueles que se dizem evangélicos, mas não declararam pertença a igreja alguma) e dos aproximadamente 3,7 milhões de batistas. Sendo a ADⁱ a maior denominação evangélica, tem-se que seu estudo pode revelar características importantes sobre as opções de vida de um significativo número de brasileiros. Todavia, a relevância do estudo da AD excede a sua membresia e a sua influência direta.

A Assembleia de Deus tem uma influência para além de seus muros. Ela é capaz de influenciar posicionamentos no meio evangélico como um todo e até mesmo o mundo católico. No que se refere ao pentecostalismo, desde a sua fundação no início do século XX no norte do país, a AD cresceu, espalhou-se e tornou-se uma referência do que é ser pentecostal. Esse é o principal motivo pelo qual Alencar (2012) defende que essa denominação é a “matriz pentecostal brasileira”. Ele argumenta que “os demais movimentos pentecostais nasceram tendo as ADs como referência, seja em *progressão*, *concorrência* ou *negação*” (ALENCAR, 2012, p. 23). Se assumirmos essa tese, o estudo da Assembleia revela-se importante também para desvendar algumas dinâmicas gerais do pentecostalismo e até mesmo da religiosidade brasileira em geral.

Mas algumas questões ficam no ar. Se muitas igrejas surgiram tomando a AD de referência, quer por mimese ou por oposição, que referência é esta? Seria o que a Assembleia realmente é ou a forma como ela é imaginada? Como dito por Correa (2006), atualmente existe todo tipo de “Assembleia”. Há no Brasil pelo menos duas convenções, as entidades nacionais que congregam diferentes “Assembleias”ⁱⁱⁱ e, como se não bastasse, o nome tornou-se de domínio público, de forma que existem igrejas Assembleia de Deus que não estão ligadas a nenhuma delas. Qual dessas “Assembleias” estaria sendo imitada ou contrariada? Aparentemente, nenhuma. A “Assembleia” que serve de referência está mais relacionada com que se imagina que seja a denominação, do que com a sua realidade plural. Sendo assim, uma dimensão importante do estudo da AD passa pela forma como esta tem sido imaginada pelos assembleianos e, sobretudo, pelos não assembleianos. Uma análise completa dessa denominação, ao detalhar suas características históricas e contextuais, não pode perder de vista sua dimensão simbólica, pois é esta que serve de referente. Este texto é escrito com foco sobre esse aspecto. Enquanto muitas propostas deste Grupo de Trabalho discutem o que a Assembleia de Deus foi, é ou está se tornando, nesta comunicação estou preocupado com outra questão que julgo igualmente relevante: o que as pessoas imaginam quando pensam em Assembleia de Deus?

Esse é um tema que, a princípio, não é fácil de ser abordado. Que estratégias metodológicas poderiam ser utilizadas para chegar a ele? Como estudar uma denominação fora dela? É importante salientar que o que apresento neste texto não é resultado de um projeto de pesquisa planejado para esse fim. É, na verdade, uma parte daqueles resultados inesperados que sempre surgem em pesquisas qualitativas, sobretudo de viés etnográfico. Ao realizar uma etnografia (COSTA, 2015), problematizando as relações entre religião e lazer entre jovens evangélicos, convivi durante 14 meses com alguns “ex-pentecostais” em meio a um contingente majoritariamente batista. Uma convivência que se deu tanto em cultos, quanto em outros encontros que envolviam práticas de lazer. Em meio a ela, vivenciei situações em que essa “Assembleia” imaginada irrompia na pesquisa e é sobre elas que pretendo refletir. Essa reflexão não esgotará toda a dimensão simbólica da AD, mas acredito que destacará dois elementos muito importantes que comentarei adiante. Antes, peço licença para apresentar algumas características dessa pesquisa, depois comentar duas situações que julgo mais relevantes e, então, fazer a reflexão.

Características gerais da pesquisa

Já foi dito que o principal problema da pesquisa que realizei era a relação entre religião e lazer. Pesquisei como a religiosidade de jovens evangélicos influencia a forma como vivenciam o lazer. Tendo em vista que a religião estabelece “poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens” (GEERTZ, 2008, p. 67), investiguei as disposições e motivações que a religião estabelece de maneira a influenciar o modo como se vivencia o lazer. Neste contexto, interessava-me não só as vivências de lazer das quais os jovens se afastavam por motivos religiosos, mas principalmente as que eles só tinham acesso (e só lhes faziam sentido) exatamente por serem evangélicos.

A pesquisa foi realizada no âmbito da Ciência da Religião e a principal perspectiva adotada foi a da teoria da “modernidade religiosa”, assim chamada por Hervieu-Léger (2008). Mas em seu desenvolvimento, assumiu uma grande interface com os Estudos do lazer, principalmente as críticas latino-americanas (GOMES, ELIZALDE, 2012), e com a antropologia urbana realizada no Brasil (MAGNANI, 2002).

É importante que fique claro que foi um estudo de caso. O que significa que a pesquisa se refere a um contexto específico tanto dos sujeitos, quanto das instituições envolvidas; que também possuem especificidades em relação ao cenário religioso brasileiro. Mas isso não torna o estudo menos relevante. É muito plausível que existam outros contextos

que reflitam as questões abordadas. Por isso, não há como medir o alcance das impressões que jovens com quem convivi possuíam sobre a Assembleia de Deus, mas isso não quer dizer que elas sejam totalmente contingentes ao contexto pesquisado. Caberá a outras pesquisas ver até onde as percepções comentadas adiante são influentes ou não.

Adotando a perspectiva de Geertz (2008) ao pensar a religião como um sistema cultural e a de Gomes e Elizalde (2012) ao tratarem o lazer como uma dimensão da cultura, caracterizada pela vivência lúdica de conteúdos culturais no contexto social, a pesquisa foi realizada a partir da Primeira Igreja Batista de Juiz de Foraⁱⁱⁱ, MG (PIB). Mas não foi um estudo *sobre a PIB* e sim *realizado através da PIB*. Não se pretendeu esclarecer esta instituição em todas as suas complexidades. Ela não era o ponto de chegada da pesquisa, mas seu ponto de partida. A igreja não é o objeto, mas o lugar inicial da pesquisa. Através dela pretendeu-se apresentar algumas dinâmicas do lazer de jovens evangélicos juizforanos e discutir suas implicações.

A princípio, eu pretendia observar o comportamento de jovens evangélicos nas atividades que eu entendia (baseado em Dumazedier) que podiam ser consideradas lazer^{iv}, utilizando as técnicas da pesquisa observatória^v. Como boa parte das atividades deste tipo fomentadas pela PIB era promovida com a chancela do grupo *Fixados em Cristo*, eu passei a frequentar os cultos de sábado realizados por ele, a fim de obter informações sobre elas. Contudo, neste primeiro contato, me dei conta de que o lazer podia assumir diferentes significados para os jovens inseridos neste contexto. Era preciso traduzir os sentidos que eles atribuíam ao lazer e isso trazia a exigência de conhecê-los melhor. A etnografia se revelou o método mais adequado para fazer esse processo de tradução^{vi}. Desta forma, passei a me preocupar não só com as atividades em si, mas principalmente com os sujeitos a quem elas se destinam, pois esse método exige tanto a observação direta, como as interpretações dos atores sobre o que estão fazendo.

Para uso do método etnográfico era necessário fazer um recorte razoavelmente claro do objeto de pesquisa. O grupo *Fixados em Cristo* existe formalmente como o grupo de jovens da PIB, mas é extremamente difícil analisá-lo empiricamente como um grupo coeso. Isso por que ele reflete a complexidade da própria igreja. Assim como há diferentes níveis de comprometimento com a igreja (que vai desde o visitante até aquele que ocupa algum cargo), há diferentes níveis de identificação com o grupo. Nos cultos de sábado da PIB eu não estava diante de um grupo coeso, mas presenciava uma reunião de uma média de quinhentos jovens em que pessoas de diferentes níveis de comprometimento (com o grupo formalmente

constituído e com a igreja) produziam diferentes tipos de interações. Estas interações eram extremamente complexas de forma a dificultar a obtenção de um relacionamento mais próximo com eles. Durante o período em que frequentei os cultos de sábado, vi os próprios pastores líderes, em diversas ocasiões, se queixarem desta mesma dificuldade. Eu aumentei a quantidade de reuniões da PIB a serem observadas (cultos de domingo, de quarta-feira, ...) esperando conseguir discernir os jovens mais frequentes, mas tudo o que consegui foi aumentar a quantidade de vezes em que observava a mesma complexidade. Eu, como pesquisador, estava à deriva, procurando regularidades as quais eu pudesse observar, mas tudo o que eu observava me era muito difícil de sistematizar.

Em decorrência desta dificuldade, nas atividades, eu não conseguia a intimidade necessária para discernir as “piscadelas” do campo (GEERTZ, 2008). O lazer parecia se revelar uma esfera muito íntima a qual o pesquisador podia ser aceito nas atividades formais da igreja, mas não na intimidade das pessoas que delas gozavam. Não é demais lembrar que o uso da etnografia nos estudos do lazer implica realizar um estudo *no lazer* e não apenas *do lazer* (STIGGER, 2002). Como uma das principais formas de prazer buscada nas atividades era a própria sociabilidade (chamada por eles de “comunhão entre os irmãos”), a intimidade era crucial para entendê-las. Contudo, o grau de familiaridade exigido para adentrar o lazer parecia tão alto que inviabilizava a observação participante. Neste contexto etnográfico, observar era participar.

Esta situação se manteve até o dia em que um dos jovens me convidou para *sair* com eles depois do culto. A *saída* se refere a ir para algum lugar (como uma lanchonete ou pizzaria), para lanche. Cerca de vinte jovens, distribuídos em alguns carros e motos dirigiram para uma lanchonete em outro ponto da cidade. Em todas as *saídas* das quais eu consegui participar/observar, eu estava diante de um grupo que me tratava com maior intimidade, de maneira que eu conseguia ter uma relação mais sincera a ponto de conseguir informações mais precisas sobre o lazer desses jovens.

Mas uma questão se impunha: o que exatamente eu estava observando? Era um grupo de jovens da PIB? Não exatamente. É verdade que os membros da PIB eram a maioria, mas alguns que não eram também estavam presentes nas *saídas*. Seria um grupo de “jovens batistas”? Também não, pois entre os que *saíam* também havia os que se declaravam membros de outras igrejas, que não eram batistas. Se levar em consideração o caso de uma jovem que ia ao culto da sua igreja e, assim que acabava, pegava um ônibus em direção à PIB para encontrar com o *pessoal*, não é possível nem generalizar como jovens que frequentam as reuniões da PIB.

A melhor maneira de definir as pessoas com quem eu interagi é como jovens evangélicos. É por este motivo que, embora este estudo tenha sido realizado em uma igreja específica, a análise teve que ir para além dela. Ao final do processo, este não foi um estudo sobre a PIB, mas realizado através da PIB. A instituição foi o contexto a partir do qual aquilo que realmente interessava ao estudo pôde ser pesquisado, ou seja, as influências religiosas sobre o lazer de jovens que compartilham certa visão religiosa de mundo. O que eu observei de fato foi a interação entre jovens de diferentes níveis de comprometimento com instituições evangélicas. Jovens evangélicos.

Não foi fácil chegar a esta constatação, mas o fato é que estudar o lazer de jovens evangélicos no contexto em que eu pesquisava implicava estudar uma situação de contato. Se não era contato entre religiões, era pelo menos um contato entre diferentes vertentes evangélicas. O motivo era claro: os crentes de uma igreja têm amizade com outros crentes de outras igrejas. Se o lazer de um grupo envolve intimidade entre os que o compõe, estas amizades vão se manifestar na própria definição do grupo enquanto tal. Para entender a influência religiosa sobre o lazer eu precisava entender como os jovens estavam (re)interpretando as instituições religiosas e até aventar a hipótese de que não somente a religião estava a influenciar o lazer. Alguns traços específicos do lazer destes jovens poderiam estar influenciando a sua religiosidade.

À medida que eu fui observando as *saídas* percebi que havia outras ocasiões em que este grupo mais reduzido^{vii} se reunia. Foi possível reinterpretar as atividades que, no início desta pesquisa, eu quisera analisar, entendendo melhor a percepção que os jovens tinham delas. Nesse processo uma coisa ficou clara. Não somente as atividades com os conteúdos culturais do lazer elencados por Dumazedier (1976) se faziam lazer para estes jovens. Qualquer evento da igreja tornava-se uma oportunidade para que o grupo de amigos se encontrasse de novo e o maior prazer da prática estava exatamente no encontro, na sociabilidade. Sendo assim, eu entendi que todo evento da igreja era potencialmente uma forma de lazer para os crentes. E não só os eventos da PIB, mas os eventos evangélicos em geral. Chamada por Simmel (2006, p. 65) de “forma lúdica de sociação” e pelos crentes de “comunhão entre os irmãos”, a sociabilidade^{viii} faz com que todo evento evangélico seja potencialmente uma forma de lazer. Os crentes se divertem, e muito, quando se encontram. Os eventos são oportunidades para que isso aconteça.

Em suma, tomei uma igreja como referência inicial e, a partir dela, segui a sociabilidade dos jovens por diferentes espaços, tais como lanchonetes, restaurantes, eventos da igreja,

shows gospel e eventos evangélicos em geral. Esse foi o contexto em que os dados foram produzidos. Mais do que em entrevistas, eles surgiram da interação com os jovens, sobretudo em ocasiões bem informais, caracterizadas pela descontração. Como já comentei, eventualmente, uma “Assembleia de Deus” imaginada irrompia na pesquisa. A seguir, comentarei duas situações que selecionei, por julgar que elas colocam em destaque dois importantes símbolos associados à AD.

O que é “tipicamente assembleiano”?

“Tipo a Assembleia” era uma expressão utilizada entre os jovens que pesquisei em diferentes contextos. Ela aparecia quando se tomava a Assembleia de Deus como parâmetro para falar sobre alguma característica atribuída a alguma igreja, conduta ou produção cultural. Para quem a utilizava, existiriam certas características eclesiais, certos comportamentos e certas manifestações artísticas que seriam “tipicamente assembleianos”. Neste trabalho, quero enfocar o aspecto comportamental e o aspecto litúrgico, sendo que este último será atravessado pela dimensão artística. Início com uma discussão sobre o comportamento, pois foi o que primeiro chamou a atenção em minha pesquisa. Parto da apresentação de uma situação.

Eu estava acompanhando os jovens pesquisados em um evento, organizado pela PIB, em um de seus espaços conhecido como *Fazenda PIBJF*. Este local, adquirido por esta igreja em 2012, situa-se no bairro Grama, numa região mais afastada da área central de Juiz de Fora (MG). É um sítio razoavelmente grande, com campo de futebol, piscina, playground, salão de jogos e algumas casas. Parte delas é destinada a um centro de recuperação de narcóticos, criado e mantido por uma associação da igreja. Em meio ao evento citado, aconteceram várias atividades. Entre elas, uma partida de futebol entre casados e solteiros.

Eu não participei do jogo. Apenas fiquei com os jovens que estavam na torcida, observando o que acontecia em volta. Nós ficamos conversando sobre vários assuntos. A partida tinha uma certa dinâmica. Como havia muitas pessoas para jogar, a cada período (cerca de dez minutos ou a cada dois gols) trocavam-se alguns integrantes do time, a fim de dar a todos a possibilidade de brincar. Entre uma troca e outra, um integrante do time dos solteiros, aproximou-se do grupo em que eu estava e começou a participar da conversa.

Esse rapaz não era membro da PIB, pelo menos não ainda. Estava muito empolgado com a atividade. Ele se aproximou e logo começou a elogiar o trabalho da igreja, destacando que estava muito admirado de ver o tipo de atividade que estava acontecendo no sítio. Logo

no início da interação alguém perguntou: “você já é batizado?”, o que equivalia a perguntar se ele era evangélico. Como resposta, ele disse que havia participado muito de uma igreja evangélica na infância, mas que havia se “desviado” na adolescência, antes de se batizar. A sua justificativa é o que interessa a discussão que pretendo fazer. Ele disse:

[...] meu pai era de uma igreja muito rígida, dessas, *típo a Assembleia*, em que você não pode fazer nada. Não podia usar bermuda, não podia soltar pipa, não podia nem jogar bola! Aí quando eu cresci um pouco, eu revoltei com esse negócio de igreja e nunca mais quis participar! Agora que eu tô tendo contato de novo, mas aqui é bem diferente (sic).

Perceba que o rapaz utilizou a expressão “típo a Assembleia” como uma referência comportamental, ou melhor, como indicação de um certo controle comportamental. Foram várias as vezes em que eu escutei os jovens utilizarem a expressão com esse sentido, mas certamente essa foi muito significativa. No caso, a Assembleia de Deus foi utilizada como exemplo de igreja em que as restrições, conhecidas no meio pentecostal como “usos e costumes”, são muito rígidas e estariam em oposição a algumas formas de comportamento nas quais o jovem não vê problema algum, ou seja, não entrariam em contradição com a fé.

Na verdade, a AD possui diferentes maneiras de lidar com a questão das restrições e estão longe de serem comparadas com denominações excessivamente formalistas para com a questão, tal como a Deus é Amor, que possui um conjunto detalhado de regras em seu documento conhecido como Regulamento Interno (RI), que é uma espécie de guia de condutas dessa igreja. Muitas restrições na AD são feitas através do que Velasques Filho (1990) chamou de “coerção comunitária”. Porém, para além das proibições que possam existir ou não na Assembleia, há uma identificação dessa igreja com as “igrejas que proíbem”. Assim, a própria denominação acaba se tornando um símbolo para a proibição.

Cabe pontuar que boa parte das proibições incide sobre formas de gozo da vida, ou seja, sobre práticas de lazer. Cria-se uma imagem de que o crente assembleiano é aquele que se afasta das vivências mais comuns de lazer da população. Identifica-se a AD com uma vida religiosa afastada de práticas que, aos olhos do jovem, nada possuem de “pecaminosas”. Pelo contrário. A proibição é vista como um exagero. Assim, essa Assembleia imaginada é uma igreja “atrasada” e avessa ao lazer.

O outro aspecto dessa Assembleia de Deus imaginada que pretendo discutir é de caráter litúrgico. A semelhança da apresentação do traço discutido anteriormente, comento a partir de uma situação. Era sábado e eu estava no culto realizado pelo grupo *Fixados em Cristo*. Como de costume, quando terminou, eu fiquei na porta da igreja conversando com alguns

jovens, na expectativa de que eles me chamassem para *sair*, o que nem sempre acontecia. Um rapaz e duas moças pararam para conversar comigo, enquanto seus pares (noiva, noivo e namorado), não chegavam. Estes estavam ocupados nos últimos preparativos para deixar a igreja.

Em meio à interação, conversamos sobre muitos assuntos. Entre eles, o louvor da igreja. Em alguns cultos da PIB é comum, em um momento intermediário entre o período do louvor e o período da pregação, alguém ser convidado a cantar uma música. Neste momento, é comum que uma música seja cantada por uma pessoa diferente daquela que dirigiu o período musical anterior. A dinâmica muda. Enquanto no primeiro momento musical as pessoas geralmente ficam em pé, com as mãos levantadas, orando; no momento intermediário elas estão sentadas, assistindo a canção que está sendo entoada. Isso pode acontecer, por exemplo, durante o recolhimento das ofertas. No início da música as pessoas se movem para levar as ofertas ao altar, mas logo depois sentam-se nos bancos para assistir o restante da canção. Pois bem, eu e os jovens conversávamos no final do culto exatamente sobre as canções que comumente são cantadas nesse momento.

No culto que havia acabado de acontecer, uma das moças havia cantado, no momento das ofertas, a canção *Com Muito Louvor*, gravada pela cantora Cassiane em 1999. A letra dizia:

Deus não rejeita a oração
Oração é alimento
Nunca vi um justo sem resposta
Ou ficar no sofrimento
Basta apenas esperar
O que Deus irá fazer
Quando Ele estende as suas mãos, é a hora de vencer

Então louve, simplesmente louve
Está chorando louve, precisando louve
Está sofrendo louve, não importa louve
Teu louvor invade o céu

Deus vai na frente abrindo o caminho
Quebrando as correntes tirando os espinhos
Ordena aos anjos pra contigo lutar
Ele abre as portas pra ninguém mais fechar
Ele trabalha pra o que nEle confia
Caminha contigo de noite ou dia
Erga suas mãos sua benção chegou
Comece a cantar com muito louvor

Com muito louvor (GOMES, 1999).

Em meio à nossa conversa alguém comentou: “eu adoro quando fulana canta esse tipo de música”. Outro logo respondeu: “Eu também gosto muito desse tipo de louvor, assim, *tipo a Assembleia*, me lembra muito essas igrejinhas de bairro, em que todo mundo se conhece e tal. É um louvor bem avivado, me lembra a minha infância!”. A moça a que se referiam havia sido membro de uma Igreja do Evangelho Quadrangular antes de se tornar membro da PIB e, ocasionalmente, cantava algumas canções que não eram tão comuns nos cultos batistas. Imagino eu que ela trazia essa inspiração de sua própria vivência anterior. Esse tipo de canção era identificado pelos jovens como sendo tipicamente assembleiano.

A presença de canções desse tipo têm sido constantes nestes momentos da PIB. Acredito que isso também se deva ao fato de que um dos pastores da igreja, que hoje ocupa a função de maestro, havia sido membro de Assembleia de Deus durante muito tempo antes de tornar-se batista^{ix}. Muitas canções desse tipo são cantadas por membros da família desse pastor (seus filhos e sua esposa), o que faz com que isso ocorra mais frequentemente. E, em algumas dessas ocasiões, percebi que os jovens que haviam sido membros de igrejas pentecostais ficam muito emocionados. Enquanto, pra boa parte da igreja aquele era um momento menos interessante do culto, em que a música apenas preenchia um momento direcionado à oferta, por exemplo, para outros, era um momento peculiar em que poderia experimentar uma lembrança de sua vivência anterior.

Mas qual o diferencial dessas canções? Em meio à nossa conversa no fim do culto, os jovens foram elencando várias músicas que poderiam ser listadas, mas reproduzirei apenas mais uma, só para efeito ilustrativo. A canção *Deus dos deuses*, gravada pela canto Lauriete em 2001:

[...]Existe um Deus no céu
Que a letra no papel não pode descrever
Não dá pra imaginar
Não dá pra comparar o seu grande poder

Ele faz o que ele quer
Soberano e forte até o infinito
Ganha a luta sem lutar
Vence a luta e faz cansar o inimigo

Jeová, Deus de vida e de vitória
Jeová, Deus de paz, Deus de glória

Jeová, vai mudar a tua história hoje aqui

Quando Deus quer fazer, ninguém pode parar
Quando manda mensagem faz profeta entregar
Faz a nuvem descer, faz a água subir
E se ele soprar faz o inferno explodir
Ele sempre resolve sem ter reunião
Pega o homem sem Deus e derrama unção
O seu braço é capaz de parar um trovão

Este é o Deus dos deuses, meu irmão
Este e o Deus dos deuses
Este e o Deus dos deuses, meu irmão! (GOMES, 2001).

Repare que a canção é do mesmo compositor da anterior. Elas têm em comum a exaltação de um Deus que é capaz de interferir diretamente na experiência humana. São apresentações de um Deus todo poderoso a um irmão que pode ser ajudado por ele. Mas para entender o simbolismo desses dizeres é preciso retomar os elementos que o jovem lembrou através da canção. Ele lembra de uma “igrejinha em que todo mundo se conhece” e de um “louvor “avivado”.

Muitos jovens com quem eu convivi eram batistas filhos de pentecostais. Para boa parte deles, a mudança de igreja havia vindo acompanhada de uma série de outras mudanças. Era comum eu me deparar com jovens que haviam se transferido das periferias de Juiz de Fora (ou de cidades pequenas ao redor) para a região central em busca de oportunidades de emprego e de estudo. Nessa nova vida na cidade grande, uma igreja de renome da região, a PIB, atraiu a atenção desses jovens, mas a mudança não se deu estritamente por questões religiosas. Sendo assim, muitos elementos da espiritualidade vivenciada na experiência anterior ainda estavam vivos na memória dos sujeitos. Quando as canções tocavam, tudo isso vinha à tona. Vinha à mente um tipo de vida que tinham anteriormente, cujo culto é uma grande expressão. Um tipo de culto que é “avivado”, ou seja, alegre, na medida em que “todo mundo se conhece”, tem proximidade. Uma situação que se modificou, na medida em que agora esses jovens se inseriram em uma igreja com mais de dois mil membros.

O que me chama a atenção é que esse tipo de culto alegre e comunitário é identificado como sendo tipicamente assembleiano. Tem-se em mente uma Assembleia de Deus em que os cultos são extremamente prazerosos, por que são animados, e as letras que contam sobre um Deus estrondoso capaz de ajudar um irmão em dificuldade são a maior expressão disso. A AD torna-se, então, um símbolo desse tipo litúrgico específico.

Tendo apresentado as questões acima, concluo que os dois aspectos apontados são componentes importantes da dimensão simbólica da Assembleia de Deus. Entre os jovens com quem convivi, tal denominação tem sido identificada com certas proibições comportamentais e com um tipo de culto alegre e comunitário. Reitero que isso pouco tem a ver com o que a denominação é de fato, mas com a forma como ela é imaginada.

É interessante pontuar que é essa dimensão simbólica que perpassa o senso comum que se tem da AD. Ao falar em Assembleia, muitos têm em mente as rígidas restrições e os cultos “barulhentos”. Mas só o fato destes dois elementos importantes estarem lado a lado já revela como a denominação é plural, até mesmo no imaginário. Se por um lado, há restrições a certos prazeres, por outro, há um gozo específico que seria típico de seus cultos. O que aparentemente é paradoxal.

Finalizando, quero deixar uma última provocação aos estudiosos da Assembleia de Deus. Como poderemos lidar com a pluralidade assembleiana face ao imaginário tão forte que essa igreja possui? Os elementos que descrevi são apenas pequenos detalhes do muito que ainda precisa ser desvendado sobre essa “Assembleia imaginada”. O quanto as pesquisas precisarão rever a todo o momento a influência desse imaginário sobre a interpretação dos dados? Olhando por esse prisma, tem-se que o estudo desse pentecostalismo “tipo a Assembleia” ganha dupla importância. Não serve apenas para completar os dados contextuais recolhidos sobre a denominação, mas também para nos policiar no momento de sua interpretação, a fim de aprimorar o olhar, refinando perguntas. Espero que essa comunicação tenha feito alguma contribuição nesse sentido.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911-2011**. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2012.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. **Alteração das características tradicionais da Igreja Assembleia de Deus: um estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo**. 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2006.

COSTA, Waldney de Souza Rodrigues. **“Tem crente no pedaço”**: um estudo sobre religião e lazer entre jovens evangélicos. 2015. 269 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LHC, 2008.
- GOMES, Elias. Deus dos deuses. Intérprete: Lauriete. In: LAURIETE. **O segredo é louvar**. Rio de Janeiro: Praise Records, 2001. 1 CD. Faixa 6.
- _____. Com muito louvor. Intérprete: Cassiane. In: Cassiane. **Com muito louvor**. Rio de Janeiro: MK Music, 1999. 1 CD. Faixa 1.
- GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- GUTIERREZ, Gustavo Luis. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Trad. João batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 13-28, 2002.
- SIMMEL, Georg. Indivíduo e sociedade. In: _____. **Questões fundamentais de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 63-82.
- STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- VEAL, Anthony James. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. Trad. Gleice Guerra, Mariana Aldrigui. São Paulo: Aleph, 2011.
- VELASQUES FILHO, Prócoro. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antônio. Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo, Loyola, 1990. p. 205-232.

i A partir deste ponto, por uma questão discursiva, utilizarei as referências à denominação no singular, quer pela sigla AD, pela expressão “Assembleia de Deus” ou simplesmente “Assembleia”. Com isso não quero perder de vista a grande pluralidade interna tão destacada pelos pesquisadores especialistas na denominação. Trata-se apenas de um recurso discursivo para facilitar a leitura.

ii Existe no Brasil a CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil) e a CONAMAD (Convenção Nacional de Madureira das Assembleias de Deus). Para mais informações sobre essa pluralidade, bem como uma forma de compreendê-la, ver Alencar (2012), especialmente o tópico Convenções e Ministérios.

iii A partir deste momento utilizarei a sigla PIB para me referir a esta instituição. Eu poderia utilizar a sigla PIB-JF, mas optei por uma sigla que refletisse melhor a forma como a igreja é conhecida na região. Os jovens com quem desenvolvi esta pesquisa sempre preferiam o termo “PIB”, que é tomado como o nome da igreja. Lembro-me uma ocasião em que um jovem com relativa frequência nos cultos de sábado desta igreja ficou muito admirado quando eu lhe expliquei que se tratava da “Primeira Igreja Batista”.

iv Eu estava em busca de atividades que englobariam os “conteúdos culturais do lazer” elencados por Dumazedier (1976), tais como teatro, esporte e cinema.

v Para Veal, a observação participante é um dos tipos de pesquisa observatória, sendo que, nas investigações em lazer e turismo também seria possível utilizar a sistemática, a naturalista e a elaborada (VEAL, 2011, p. 239). Para mais informações sobre estas modalidades consultar Veal (2011, p. 238-261).

vi Foi assim que o lazer passou a ser pensado como dimensão da cultura e não apenas como atividades com conteúdos etnocentricamente (eurocentricamente?) definidos como sendo característicos do lazer. A principal característica que foi utilizada para distinguir as práticas de lazer das demais práticas culturais passou a ser a busca pessoal pelo prazer (GUTIERREZ, 2001).

vii Na dissertação trabalho este último recorte realizado como o “pedaço dos crentes”. Pra evitar discussões sobre a categoria “pedaço” e sobre a noção de “crente”, neste texto resolvi chama-lo tão somente como “grupo”.

viii Para Simmel (2006, p. 66) a sociabilidade é a sociação que é realizada entre indivíduos sem objetivos formais ou institucionais, tendo em vista a satisfação do simples fato de estarem socializados. Não confundir com “socialidade”, que é outro conceito do autor.

ix Na dissertação (COSTA, 2015) faço uma exposição mais pormenorizada sobre essa atração da PIB.